

Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil

Ethnobotanical research of medicinal, alimentary and toxic plants in Combu Island, County of Belém, Pará, Brazil

Anderson Geber Martins¹; Danielle Lima do Rosário¹; Marcelo Nascimento de Barros¹ & Mário Augusto Gonçalves Jardim²

RESUMO – Foi realizado o levantamento etnobotânico das plantas medicinais, alimentares e tóxicas por meio de entrevistas com 31 moradores residentes na ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará. Utilizou-se questionários fechados que abordaram o nome popular da planta, parte usada, forma de preparo e usos locais. No caso das plantas tóxicas coletou-se informações mais específicas a respeito da parte que provoca toxicidade, o tipo e as conseqüências da intoxicação. Os resultados mostraram 22 famílias, 29 gêneros e 33 espécies na categoria medicinal com uso das folhas sendo que arruda (*Ruta graveolens* L.), catinga de mulata (*Aeollanthus suaveolens* Mert. Ex.Spreng), goiaba (*Psidium guajava* L.) e elixir paregórico (*Piper calosum* Ruiz et.Pav) apresentaram frequência de citação (%) \geq 5%; as alimentares em 13 famílias, 18 gêneros e 19 espécies sendo o açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), cacau (*Theobroma cacao* L.), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* L.) e banana (*Musa paradisiaca* L.) as mais citadas; as tóxicas 9 famílias, 11 gêneros e 11 espécies e as mais citadas foram o assacu (*Hura creptans* L.), aninga (*Montrichardia vinifera* Schott.), urtiga (*Fleurya aestuans* L.) e caxinguba (*Ficus maxima* P.Miller). Estudos fitoquímicos e farmacológicos poderão contribuir com maiores informações para orientação e melhor uso destas plantas no âmbito da saúde e da qualidade ambiental.

PALAVRAS-CHAVE – Etnobotânica, plantas medicinais, plantas tóxicas, plantas alimentares.

SUMMARY – Ethnobotanical research about medicinal, alimentary and toxic plants were realized in Combu island, county of Belém, Pará State with 31 local dwellers interviewed. The results showed 22 families, 29 genera and 33 species of medicinal plants; 13 families, 18 genera and 19 species of alimentary plants; 9 families, 11 genera and 11 species of toxic plants. The plants most cited were in medicinal category as arruda (*Ruta graveolens* L.), catinga de mulata (*Aeollanthus suaveolens* Mert. Ex.Spreng), goiaba (*Psidium guajava* L.) and elixir paregórico (*Piper calosum* Ruiz et.Pav); in alimentary category the açaizeiro (*Euterpe oleracea* Mart.), cacau (*Theobroma cacao* L.), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* L.) and banana (*Musa paradisiaca* L.); in toxic category the assacu (*Hura creptans* L.), aninga (*Montrichardia vinifera* Schott.), urtiga (*Fleurya aestuans* L.) and caxinguba (*Ficus maxima* P.Miller).

KEYWORDS – Ethnobotany, medicinal plants, alimentary plants, toxics plants.

INTRODUÇÃO

A etnobotânica analisa e estuda as informações populares que o homem tem sobre o uso das plantas. É através dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos em relação às plantas, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações que possam ser benéficas sobre usos medicinais de planta.

A importância das informações etnobotânicas para o homem vem a ser o conhecimento de dados populares que podem, até então, estar restritos a determinadas pessoas ou regiões. Já para a saúde pública, estas informações etnobotânicas quando comprovadas cientificamente, podem ser utilizadas pela sociedade podendo ser mais acessível em relação ao custo/benefício.

A prática da etnobotânica recebeu diferentes enfoques com o passar do tempo, cada qual refletindo a

formação acadêmica dos pesquisadores envolvidos, que sendo de natureza interdisciplinar permitiu e permite agregar colaboradores de diferentes ciências com enfoques diversos como o social, cultural, da agricultura, da paisagem, da taxonomia popular, da conservação de recursos genéticos, da lingüística e outros (Ming, 1995,1996).

Considerando por outro lado o importante papel das plantas nos mais variados domínios das atividades humanas, como na alimentação, medicina, conservação, cultura material (sendo este de ordem concreta), como também as plantas usadas em símbolos de culto, folclore, plantas sagradas (ordem abstrata), a etnobotânica ganhou, atualmente, um conceito mais abrangente como empregado por (Ford, 1978, *apud* e Cotton, 1996), o qual o considera como o "estudo das inter-relações diretas que existem entre os seres humanos e as plantas". Dentro do conceito apresentado, fica

Recebido em 27/10/2004

¹Estagiários do Museu Paraense Emílio Goeldi/CBO, Av. Magalhães Barata, 376, cep 399, Belém-Pará;

²Pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi/CBO, Av. Magalhães Barata, 376, cep 399, Belém-Pará (e-mail jardim@nautilus.com.br)

inelegível a necessidade da integração de várias áreas, entre elas, a botânica, antropologia, a lingüística (quando, por exemplo, o estudo e feito com povos indígenas), agronomia, medicina e a ecologia, o que acaba proporcionando a disciplina ampla abordagem e aplicações, tornando-a bastante desafiadora, principalmente quando se considera o desenvolvimento separado e as barreiras encontradas entre os diversos campos de estudos envolvidos (Roman, 2001e Posey, 1986). Begossi (1998b) ressalta que os estudos etnobotânicos contribuem em especial para o desenvolvimento planejado da região onde os dados foram coletados.

O campo de pesquisa da Farmácia vive em constante renovação de conhecimentos de novos fármacos para as mais diversas patologias. Muitas das informações e dos conhecimentos que se tem hoje são graças aos conhecimentos obtidos da cultura popular sobre o uso de remédios em determinados males que afetam ou afetavam a humanidade. Desta mesma forma, informações etnobotânicas são importantes para o campo farmacêutico, pois todo o conhecimento da relação de uma determinada comunidade com as plantas daquele local são válidos para servir como base de pesquisas futuras com os princípios ativos encontrados naquela planta, partindo das informações etnobotânicas que foram coletadas.

A fitoterapia é um recurso utilizado para prevenção e tratamento de doenças através de uma variedade de plantas medicinais existentes em nossa flora, sendo a forma mais antiga e fundamental de medicina da terra. Diante disso é importante que as pessoas saibam sobre as informações de cada planta existente na localidade onde vivem, como por exemplo, a indicação, a parte utilizada, qual as doses necessárias para combater uma determinada patologia, entre outras informações importantes, para que as mesmas possam utiliza-las com uma margem de segurança, sem possuir um risco de vida maior.

A região das ilhas às proximidades da cidade de Belém é constituída por espécies vegetais que devem representar explícito valor alimentar, econômico e social, além de atuar na cura de doenças para as comunidades que ali residem. Por outro lado, a falta de informação sobre os usos benéficos e maléficos das plantas ou de prevenção à toxicidade de muitas delas é um dos motivos que impedem a melhoria da qualidade de vida, visto que, não é possível estabelecer um planejamento de uso, pois não se conhece a categoria de usos estabelecidas que fazem parte do cotidiano ribeirinho.

O uso de plantas medicinais na cura ou alívio de doenças, que para muitos poderia parecer misticismo, feitiçaria ou folclore, torna-se hoje objeto de pesquisas científicas com validade comprovada diante da fitoquímica e da farmacologia. Desta forma, define-se o conceito de "plantas medicinais", como toda e qualquer planta que atue de maneira benéfica no combate ou minimização de qualquer malefício no organismo humano (Barlem *et al*, 1995)

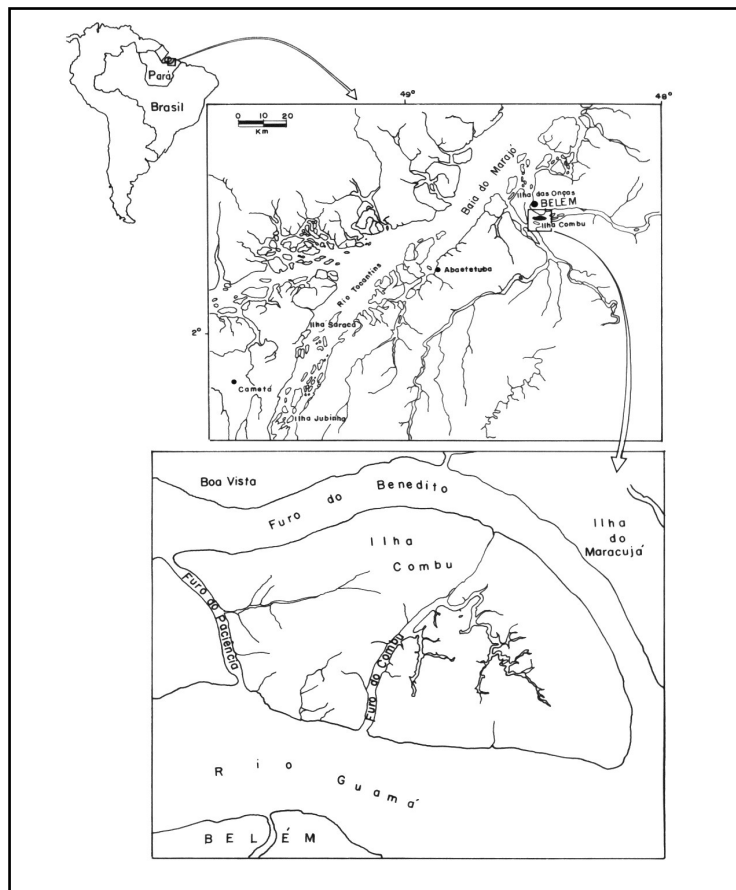


FIG 1 - Mapa de localização geográfica da ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará. Fonte: Jardim (1996, 2000)

As plantas tóxicas são aquelas que introduzida no organismo do homem ou animal seja capaz de ocasionar danos que se reflete na saúde e vitalidade desses seres. Todo vegetal é potencialmente tóxico. A planta tóxica ocasiona um desequilíbrio que se traduz no paciente como sintomas de intoxicação (Oliveira, 1989).

Nos dias de hoje, a carência nutricional na região Norte tem sido responsável por uma série problemas da saúde ocasionados pela falta de apoio financeiro e falta de uma política adequada direcionada as populações de baixa renda, o que proporcionaria a melhoria de vida (Matos & Neto, 1993). As plantas alimentares ficam caracterizadas por compor a dieta nutricional de uma determinada comunidade.

Diante das informações obtidas algumas hipóteses são sugeridas tais como: na ilha Combu, a maioria dos moradores acredita no uso de plantas medicinais; uso mais comum das plantas locais está voltado para fins alimentares e medicinais; a principal forma de preparação é o chá, sendo a folha a parte mais utilizada; o uso alimentar mais comum é dos frutos do açaí e do cacau, sendo a comercialização destas plantas alimentares a grande subsistência da economia local; os moradores da ilha do Combu e sabem dos perigos das plantas tóxica no seu dia a dia.

O objetivo desta pesquisa foi realizar o levantamento e caracterização botânica das plantas medicinais, alimentares e tóxicas de uma comunidade ribeirinha no estuário amazônico.

MATERIAL E MÉTODOS

Caracterização da Área de Estudo

A ilha do Combu, no município de Belém, Estado do Pará, abrange uma área total de aproximadamente 15km² na latitude 48°; 25' W Greenwich.; longitude de 1°; 25' de longitude Sul, ao sul de Belém, na margem esquerda do rio Guamá; dista 1,5 km de Belém, por via fluvial (Figura 1). É composta de floresta natural com cipós, árvores, arbustos, lianas e espécies de sub-bosque; apresenta estrutura e composição florística variada, incluindo floresta primária e secundária. As influências sedimentares e topográficas causam efeitos importantes na estrutura da vegetação condicionando a formação de dois ambientes topográficos de várzea (baixa e alta) e, por conseguinte determinando diversidade florística diferente (Jardim, 2000)

A composição florística é menos diversificada que na várzea alta, com expressiva concentração de espécies de palmeiras, principalmente do açazeiro (*Euterpe oleacea* Mart.) que é a mais abundante em relação a outras espécies como *Raphia taedigera* Mart., *Astrocaryum murumuru* Mart., *Scheelea rostrata* Mart., *Desmoncus orthacanthus* Mart. e a etnovarietade chamada de açai espada. A ocorrência de *Montrichardia arborescens* Schott. (aninga), é frequente nestes ambientes. Entre as espécies de árvores dominantes são encontradas *Pseudobombax munguba* Dugand., *Quararibea guianensis* Aubl., *Hura creptans* L. e *Matisia paraensis* Huber.

A população ribeirinha da Ilha do Combu apresenta uma densidade relativamente alta (aproximadamente 38 hab/km²), cuja maior fonte de renda consiste na colheita e venda dos frutos de açai, como principal produto; além das sementes secas do cacau; látex da seringueira; pesca de peixes e camarão e a criação de pequenos animais. Segundo Anderson & Ioris (1989) a venda dos frutos do açai é responsável pela maior renda nos meses de safra, além das sementes de cacau como alternativa complementar. A combinação da crescente extração dos frutos de açai associada à disponibilidade do produto na ilha e a curta distância ao maior centro consumidor tem melhorado a economia dos moradores (Jardim, 1996).

Coleta dos dados

A coleta dos dados ocorreu no período de abril a julho de 2003 com visitas semanais sob a orientação de um morador local conhecedor da ilha. Foi feita a seleção dos locais de amostragem onde foram aplicados os questionários

Diante do local escolhido foram aplicados 31 questionários onde foram registradas informações sobre as principais plantas alimentares, medicinais e tóxicas conhecidas pelos moradores ribeirinhos da Ilha do Combu. Os dados coletados foram armazenados em planilhas do Microsoft Word.

Análise dos dados

A frequência relativa das plantas medicinais, alimentares e tóxicas foi calculada baseando-se em Amorozo & Gely (1988) e Barlem *et al* (1985) da seguinte forma:

$$FRP = \frac{NTI \times 100}{n} (\%)$$

FRP = frequência relativa da planta

NTI = número total de informações

n = número de citações da planta/categoria

Apenas as plantas que apresentaram frequência de citação $\geq 5\%$ foram consideradas para fins de discussão com auxílio de bibliografia especializada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Plantas medicinais

Foram identificadas 33 espécies com uso medicinal, conforme a frequência de citação dos moradores (Figura 2). Estão representadas em 22 famílias e 29 gêneros. A parte vegetal mais utilizada foi a folha preparada na forma de chá; os usos medicinais atendem aos mais variados problemas de saúde; Dez espécies são nativas do local, as demais são cultivadas (Quadro 1, pág. 29). Para fins de discussão foram consideradas apenas as plantas com frequência de citação (%) $\geq 5\%$. *Ruta graveolens* conhecida popularmente como arruda foi considerada a planta mais utilizada como medicamento caseiro.

A arruda (*Ruta graveolens*) é uma planta arbustiva lenhosa, de origem europeia, pertencente à família *Rutaceae*. Possui caule ramificado, pequenas folhas verde-cinzentas, compostas, alternas, folíolos ovais e escamosos, reunidos em umbelas, com pequenas flores de coloração verde-amarelada, frutos capsulares e sementes rugosas. É conhecida também como arruda-comum, arruda-dos-jardins, arruda-fedorenta, ruta e ruta-de-cheiro-forte. Utiliza-se externamente no combate da calvície e como auxiliar no tratamento de varizes, asma brônquica, pneumonia e cefaléia e ação inseticida. Ainda que seu chá tenha efeito nos quadros de ansiedade e de insônia, a arruda não pode ser usada por via interna, pois há possibilidade de ocorrer hiperemia dos órgãos respiratórios associada à hemorragia, vômitos, gastroenterites, sonolência e convulsões. Sua atividade anticoncepcional é atribuída à inibição da implementação do ovulo no útero. Suas sementes são consideradas úteis no combate a parasitoses intes-

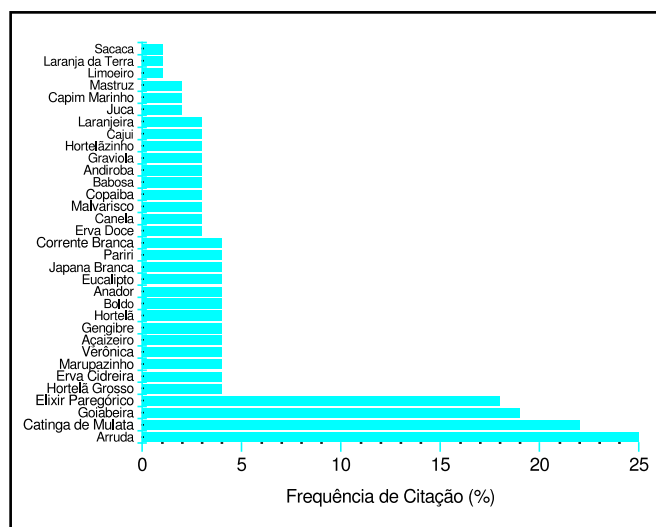


FIG 2 - Plantas medicinais da ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará com respectivos nomes populares de acordo com a frequência de citação (%).

tiniais. Em relação a sua composição química, ela contém glicosídeos (rutina), lactonas aromáticas (cumarina, bergapteno, xantotoxina, rutaretina e rutamarina), glicosídeos antiocianínicos, alcalóides (rutamina, rutalidina, cocusaginina, esquiamianina e ribalinidina), metilcetonas (metilnonilcetona e metilheptilcetona), flavonóides (hesperidina), rutilinó, rutacridona e terpenos (α -pineno, limoneno, cineol). São empregadas suas folhas, flores e sementes (Corrêa, 1998).

A catinga de mulata (*Tanacetum vulgare*) é uma pequena planta herbácea europeia pertencente à família Asteraceae, que atinge 1m de altura. Tem caule foliolar ereto, folhas de coloração verde-escura, penadas (numerosos folíolos profundamente dentados), longas, finas e ovais, e seus capítulos florais são dourados. Também é conhecida como atanásia-das-boticas, ervas-contravermes, tanaceto e tanásia. É utilizada no tratamento de diversas parasitoses intestinais, icterícia, dor de dente, inflamação ocular, otite e como auxiliar no tratamento da epilepsia. Tem ação antiespasmódica e anticonvulsivante. Já na sua composição química, contém óleo essencial 70% de tuiona, tanacetina e terpenos (cânfora, borneol). Utilizam-se as folhas e as flores (Corrêa, 1998).

A goiabeira (*Psidium guajava*) é uma árvore pequena, do grupo das Mirtáceas, medrando facilmente em qualquer terreno. Seus ramos se esgalham e são flexíveis, de cor pardo-clara com listras mais escuras e irregulares. Seu fruto é comestível, sendo do tamanho de um limão comum. A casca desse fruto pode ser verde-amarelada, mais forte ou mais fraco em sua coloração. Sua polpa interna é branca ou vermelha, sendo esta última mais saborosa. Quando verde, o fruto tem sabor adstringente e, quando maduro, seu paladar é doce, sendo mucilaginoso, aromático e agradável. Possui grande quantidade de sementes pequenas, parecendo-se com um tomate internamente (Rodrigues, 1998). Em relação a sua composição química, a sua casca encerra 13% a 17% de taninos, as folhas, enquanto frescas, fornecem óleo essencial aromático e volátil, amarelo-esverdeado e análise das folhas, revelou 77% de celulose, 9,15% de tanino, 5,99% de matéria graxa, 3,95% de sais minerais, 3,15% de sesina, 0,39% de clorofila e 0,37% de óleo volátil (Corrêa, 1926,1978). Além disso, a casca serve para aplicações terapêuticas, como adstringente e poderoso antidiarréico, sobre tudo na diarreia infantil, útil também na leucorréia e na cólera asiática, externamente usada para a lavagem de úlceras. As raízes, também servem como antidiarréicos, o suco dos brotos é eficiente contra as afecções do estomago e certas doenças da pele; a decoção dos botões floríferos é indicada para combater os fluxos de sangue (Corrêa, 1926,1978).

O elixir paregórico (*Piper calosum*) é uma erva arbustiva com 0,50 a 1m de altura, internos de 3 a 15cm de comprimento. Folhas cartáceas a subcoriáceas, elípticas ou elíptico-ovadas de 5 a 16cm de comprimento e de 3,5 a 8 cm de largura, ápice curtamente acuminado e base aguda, ambas as faces glabras e algo brilhosa a face ventral; pecíolo caloso. Espigas curtas com 1 a 2,5cm de comprimento e 3 a 5mm de diâmetro; flores dotadas de brácteas subpeltadas, glabras; androceu com 4 estames; gineceu com 3 estigmas assentados sobre

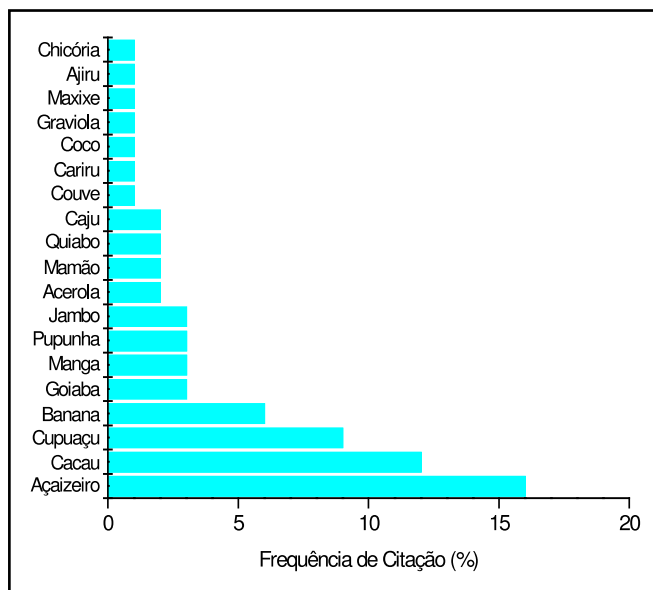


FIG. 3 - Plantas alimentares da ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará com respectivos nomes populares de acordo com a frequência de citação (%)

estiletos curtos e grossos; drupa glaba subglobosa (Berg, 1982). Ainda convém lembrar das características farmacológicas, o elixir paregórico é utilizado para acalmar dores de diversas origens, principalmente do aparelho digestivo; tratamento de dores reumáticas e musculares. A parte utilizada da planta é a folha através do preparo de chás e de emplastos (Berg, 1982).

Plantas alimentares

Foram identificadas 19 espécies com uso alimentar conforme a frequência de citação dos moradores (Figura 3). Estão representadas em 13 famílias e 18 gêneros. A parte vegetal mais utilizada é o fruto na forma de suco ou *in natura*; o consumo está condicionado ao hábito alimentar que auxiliam na prevenção de doenças; apenas 3 plantas citadas são nativas do local, as demais são cultivadas (Quadro 2, pág. 30). Para fins de discussão foram consideradas apenas as plantas com frequência de citação (%) $\geq 5\%$.

O açaí (*Euterpe oleracea* Mart.) é uma palmeira cespitosa, isto é, cresce em touceiras (reboladas, na linguagem cabocla) formadas por sucessivas brotações a partir de uma unidade de dispersão (semente ou rebento) chegando até 20 pés por touceira, em diferentes estágios de crescimento, variando em função das condições ambientais. O caule (estipe) é liso, delgado as vezes encurvado, atingindo de 25-30 m de altura, sustentando no ápice um capitel de 12 a 14 folhas pinadas com os segmentos pendentes. A longa bainha foliar, superposta forma uma região colunar de cor verde oliva, no extremo do estipe. A inflorescência (espádice) originalmente envolvida pela bainha desenvolve-se após a queda da folha, um pouco abaixo da região colunar. O espádice de ramificações simples é protegido por uma espata e uma espatela. O açaizeiro é uma das palmeiras mais típicas do Pará, onde seguramente tem seu indigenato (Jardim, 1991, 2000). Em meados do século passado, o botânico A.R. Wallace, estudiosos das palmeiras amazônicas demorou algum tempo no Pará

e, em Belém observou de perto a importância do açaí para as classes populares, descrevendo todas as fases da colheita ao consumo. Concluiu suas observações dizendo que o açaí era um alimento tão importante que a planta não deveria ser cortada sob quaisquer motivos.

Hoje, não só o paraense, mas toda Amazônia consciente de perigo de extinção do açaizais, vem defendendo corajosamente por conta própria, de modo ou de outro, a fonte de seu mais cobiçado alimento. Tanto quanto permite a extensão de sua propriedade um policiamento efetivo, não permitem de maneira alguma o corte de açazeiro pelos palmiteiros. Por isso quem viaja pelos rios dos estuários e regiões das ilhas observa com frequência aglomerados de açazeiros, pequenos e grandes envoltos das modestas habitações ribeirinhas.

Por processos manuais ou mecânicos prepara-se o vinho do açaí, o qual é consumido nas seguintes formas: com farinha de mandioca ou de tapioca e açúcar (uso mais generalizado); com farinha de mandioca e peixe assado ou camarão seco; de mingau (cozido com farinha de mandioca ou arroz) e de sorvete ou picolé.

O vinho conhecido simplesmente por açaí é um complemento básico na alimentação das classes populares e na maioria das vezes, deixa de ser apenas um complemento para constitui-se na principal alimentação, sob quaisquer das formas de consumo acima. Sobre o valor nutritivo do açaí Chaves & Pechnik (1945) e Cavalcante (1996) relataram que a interpretação dos dados analíticos permitiu observar ser um alimento essencialmente energético, com valor calórico superior ao do leite e um teor de lipídeos duplo deste...o teor de minerais, cálcio, fósforo e ferro apresentam interesses. Dante Costa (1953) empregou o ensaio biológico em ratos método curativo, evidenciou a presença da vitamina A do açaí e Calzavara (1972) realizou um amplo estudo no qual aborda todos os aspectos do açaí no estuário amazônico, notadamente sua importância econômica, ecológica, aspectos fitotécnicos e métodos de cultura. Quanto à composição química do fruto, o referido autor transcreve cerca de dezenas de resultados a que chegaram vários pesquisadores.

Sem dúvida alguma o açazeiro reúne qualidades excepcionais que o coloca em primeiro lugar como palmeira ideal e altamente compensadora para a obtenção do palmito, se explorando racionalmente, sem privar as populações de seu alimento básico. Uma única semente, no decorrer de algum tempo, pode resultar numa touceira de até 25 pés, entre indivíduos adultos, jovens e brotações. Os primeiros, ao atingirem a sensibilidade, morrem sendo gradativamente substituídos pelos outros numa seqüência natural. O corte racional dos indivíduos adultos para a extração do palmito não implica na destruição da touceira; pelo contrario, estimula o crescimento e copiosa proliferação resultante de sementes abandonadas, são outras características positivas do açazeiro.

O cacau (*Theobroma cacao* L.) é uma pequena árvore de ramificação dicotômica, às vezes formando de um tronco; no interior da mata forma um único tronco, ereto, com ramificação no alto. Folhas alternadas, simples, cartáceas, geralmente pendentes, oblongo-obovadas ou elíptico-oblongas, ligeiramente assimétricas;

ápice atenuado-cuspidado, base obtusa ou arredondada, pecíolo cerca de 1-3cm de comprimento, espessos nas duas extremidades, nervuras secundárias filiformes. Flores hermafroditas, completas, pentâmeras; cálice formado de 5 pétalas oblongo-lanceoladas, desde brancas até avermelhadas, ligeiramente unidas na base, pétalas com a cógula avermelhada e limbo branco-amarelado, obovado, acuminado no ápice, com a base unguiculada; estaminódios subulados, estames com duas anteras em filetes recurvados; ovário subpentagonal com 5 estiletos aderentes. Fruto drupáceo ou subacáceo, pericarpo, (casca) carnosos-consistente, variando na forma, tamanho e cor, podendo ser anguloso e elipsóideo como o cacau da Amazônia, ou grandes e arredondados como o cacau "criolo" da Venezuela; as sementes, de cor roxa, e em número de 20-40, tem forma quase arredondada e dispõem-se em 5 fileiras, sendo algo achatado pela compressão mútua vertical; a testa é recoberta por uma polpa escassa, branca e adocicada e encerra o embrião, composto de dois cotilédones plicado-enrugado (Cuatrecasas, 1964).

Para Silva (1996) a importância do cacau está concentrada nos frutos consumindo in natura ou em forma de refresco, licor ou ainda utilizando as sementes como chocolate caseiro. O cacau é da maior expressão econômica, porquanto suas amêndoas são mundialmente conhecidas e empregadas na fabricação de vários produtos, principalmente o chocolate, um alimento de alto valor nutritivo. O Brasil, como um dos maiores produtores mundiais de cacau, possui consideráveis divisas com a exportação de amêndoas. Atualmente o maior centro produtor de cacau no Brasil é o estado da Bahia, onde a cultura é realizada dentro das mais modernas técnicas recomendadas pelo Centro de Pesquisas do Cacau, localizado no coração da zona cacauera daquele estado.

Come-se o cupuaçu de várias maneiras, sendo a menos preferida o consumo da polpa, diretamente. O uso mais popular é uma forma de refresco, que algumas pessoas preferem misturar com farinha de mandioca. Existem ainda muitas outras formas de utilizar o cupuaçu, como saboroso sorvete, de grande preferência local, bem como o picolé, e mais: doce em pasta, doce tipo salame, tortas, suco, etc. A semente contém 48% de uma gordura branca e aromática, prestan-do-se para a fabricação de chocolate. Já houve interesse por parte de algumas indústrias no aproveitamento das sementes para fabricação de doces, com excelentes resultados. Quanto à fenologia, frutifica no primeiro semestre do ano com o pico nos meses de fevereiro a abril.

A bananeira (*Musa paradisiaca* L.) é a cultura mais antiga e importante na alimentação de milhões de pessoas e do mundo inteiro. Tanto a sua região de origem como a sua classificação botânica ainda é assunto para muita discussão. Contudo há unanimidade de opiniões por uma origem na Ásia onde é cultivado há mais de 4 mil anos. (Correa, 1998). Esse autor chega a afirmar que "sua origem é extremamente obscura, perde-se mesmo na noite dos tempos, envolta das brumas da mitologia indiana e grega". A classificação botânica, dada a sua complexidade, talvez jamais será satisfatoriamente esclarecida. Essa discussão foge ao escopo

deste trabalho sendo, portanto, evitada. Outra questão polêmica diz respeito a uma origem americana, ou mesmo brasileira, da banana que os nativos chamavam de "pacova" e os colonizadores denominavam de "banana da terra" para distingui-la das alienígenas. A tese de uma migração dos fenícios para o Brasil pode não destacar essa possibilidade.

O gênero *Musa* compreende aproximadamente 40 espécies e, de acordo com a classificação tradicional, apenas 2³ espécies representam as bananas comestíveis: *Musa paradisíaca*, *M. sapientum* e *M. cavendishi*. Os recentes estudos genéticos de Simmonds & Shepherd vieram comprovar que os nomes acima representam híbridos e não espécies no senso biológico do termo. Todas as espécies comestíveis hoje conhecidas têm origem biespecífica, isto é, resultaram do cruzamento entre duas espécies selvagens, *M. acuminata* Colla e *M. balbisiana* Colla. Em razão disso o nome científico correto de uma variedade qualquer de banana torna-se meio complicado. A nossa banana branca, por exemplo, será: *M. acuminata* Colla x *M. balbisiana* Colla cultivar "branca". Certamente, que muitas pessoas continuarão usando aqueles nomes tradicionais, notadamente nos escritos não científicos, mas deverão fazê-lo reza o Código Internacional de Nomenclatura de Botânica, isto é, intercalando um X no binômio para indicar a natureza híbrida da "espécie" (Silva, 1996).

A banana "pacovão", "comprida" ou "pacovi" é *Musa paradisíaca*, e as demais, também cultivadas na região, ficam sob o nome *Musa sapientum*.

A bananeira é uma planta de fácil reconhecimento à primeira vista tornado-se, pois, desnecessário ser aqui descrita. Contudo, algumas particularidades, nem sempre percebidas por muitas pessoas devem ser realçadas. O porte é de uma erva gigante; o verdadeiro caule é rizoma subterrâneo; a parte aérea é constituída quase exclusivamente pelas folhas cujas bainhas, robustas e superpostas formam um pseudotrunko, que pode alcançar 4-6m de altura; o centro desse pseudo-caule é percorrido por um tecido resistente que tem origem no rizoma e vai formar o pedúnculo da inflorescência. A flor

consta de um perianto de 6 sépalas, 5 das quais são soldados e uma é livre; contém 5 estames normais, um estaminódio, e um ovário trilobular. O fruto é do tipo baga desenvolvida sem a fertilização (partenocárpico)

No Pará a bananeira é cultivada em escala bem expressiva, contudo a produção não é o suficiente para atender a demanda do consumo interno e daí ser necessária a importação, principalmente do nordeste.

Plantas tóxicas

Foram identificadas 11 espécies com ação tóxica conforme a frequência de citação dos moradores (Figura 4). Estão representadas em 9 famílias e 11 gêneros. A parte vegetal mais tóxica é a folha, seguida pelo látex e caule; o caso de intoxicação mais comum é por via dérmica, onde alguns podem ser minimizados com os seguintes métodos preventivos: ingestão de leite, água com sal e café amargo; 7 espécies são nativas do local, as demais são cultivadas (Quadro 3). Para fins de discussão foram consideradas apenas as plantas com frequência de citação (%) ≥ 5%.

O assacu (*Hura creptans* L.) é considerada uma planta tóxica (Figura 6) pela população da Ilha do Combu, por que quando as pessoas entram em contato com a planta ela agride a pele causando lesões na pele. (Le Cointe, 1947, Lima & Santos, 1994, Lima *et al*, 1995) relatam que a planta se apresenta impregnada de látex branco acinzentado caustico e irritante podendo causar cegueira imediata. Este látex é extremamente venenoso e destrói os tecidos ulcerados que estejam em contato. Quanto ao látex puro quando aplicados em doses mínimas é anti-reumático e anti-helmíntico; a hurina ou creptina é o seu princípio ativo causando a morte na razão de seis gramas por cinquenta quilograma de peso do animal aproximadamente. Diz-se que a garapa com cana de açúcar neutraliza os efeitos.

Altman, 1956 faz considerações úteis sobre as folhas e que são utilizadas contra lepra e anti-reumática; e as cascas como emeto-catártica, hidrogoga, rubefaciente e venenosa. O albúmen que envolve as sementes constitui purgante energético, drástico violento, de uso perigoso por ser talvez a parte mais tóxica da planta, originando enterites graves e de difícil cura. (Silva *et al*, 1977) descrevem o assacu como sendo de uma árvore de grande porte com mais de 10 m de altura, com tronco e ramos providos de grossos acúleos. É muito conhecida e temida pela causticidade de sua seiva; frutos, cápsulas lenhosas, arredondadas, sulcadas em 12 gomos, freqüentemente contendo uma semente cinzenta

Albuquerque (1980) se refere à espécie como sendo comum nas várzeas argilosas e alagadiças da região e que devido a toxalbumina creptina aparecem sintomas como: náuseas, vômitos violentos, diarreia sangüinolenta, cólicas abdominais, pulso rápido, obscurecimento da visão, delírio e colapso.

(Rodrigues, 1989) cita o assacu como uma grande árvore da família das Euphorbiáceas possuindo madeira de cor branca, pardacento, resistindo-se bem a umidade. As amêndoas do seu fruto fornecem 50% de um óleo amarelo, inodoro porem tóxico. Do seu caule se obtém uma seiva de cor branca parecendo-se ao leite, porem muito caustico e venenoso, produzindo na pele humana serias queimaduras, caso não seja tratadas de

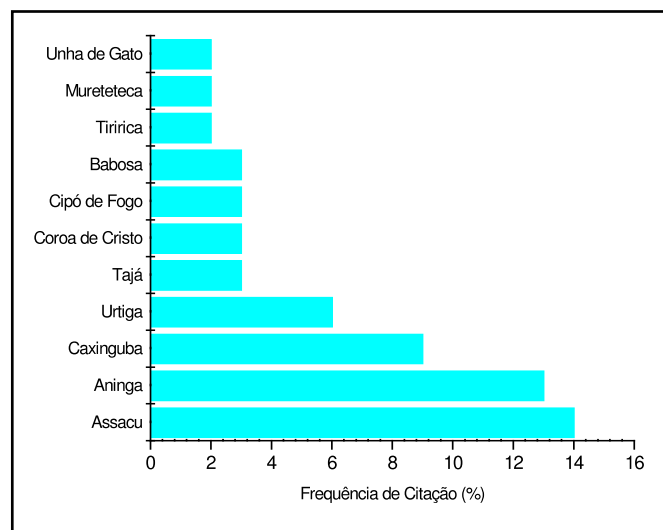


FIG. 4 - Plantas tóxicas da ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará com respectivos nomes populares de acordo com a frequência de citação (%)

imediatamente transformam-se em úlceras. O seu princípio ativo é a creptina. A fumaça proveniente da combustão da madeira, atua como ativo inseticida, porém, se aspiradas pelo ser humano em quantidade regular, poderá ser tóxica. Apesar de sua toxidez, em algumas regiões do interior do estado do Pará, os pescadores ainda usam essa seiva para atordoar peixes.

Em estudos sobre plantas venenosas do estuário amazônico realizado por Lima *et al* (1995) verificou-se que a ação venenosa da espécie *Hura creptans L.* está relacionada a concentração do princípio ativo "Creptina" que pode provocar distúrbios externos no organismo humano. A planta provoca variados sintomas no organismo humano, principalmente quando a seiva atua sobre a pele ou é ingerida. Conforme pesquisas sobre a constituição química da espécie; a creptina está distribuída em maiores proporções na seiva caulinar. Em outras partes vegetativas como folhas, frutos e sementes, o princípio ativo é encontrado em baixas proporções. Os principais casos de intoxicação documentados por Lima *et al* (1995) são a boca e faringe que gera ardor pronunciado devido às toxalbuminas da seiva. Antes de abater a árvore é costume sangrar o látex removendo um anel do córtex para evitar exposição ou contatos acentuados com a seiva. A creptina é o principal princípio ativo responsável por todas as ações tóxicas da planta quando em contato com o organismo humano. Possivelmente as folhas que são usadas para fins medicinais sejam constituídas de baixa quantidade do produto, portanto, não é nociva ao organismo. No entanto, esta planta é utilizada para o tratamento da elefantíase dos gregos e tratamento de elefantíase.

A aninga (*Montrichardia vinifera* Schott.) é descrita pelos moradores da Ilha como sendo uma planta tóxica por provocar erupções e manchas na pele, ou quando em contato com os olhos deixam vermelhos e podem até cegar.

(Penna, 1941) descreveu a aninga como sendo um arbusto do Brasil com 2 a 3 metros de comprimento e 6 a 9 centímetros de diâmetro. As folhas têm, mais ou menos, 36 centímetros de comprimento e a mesma largura na base e flores axilares e solitárias. A aninga possui tronco cônico, cor verde, corado por um ramalhete de folhas largas alinhadas verticalmente. Seu talo flutua como uma cortiça. Cresce nas várzeas, na beira dos "furos", nas depressões dos campos alagados, sendo a vegetação característica das margens dos rios, igarapés e igapós da floresta Amazônica. É uma planta herbácea, que pode ser utilizada para extração de fibras (Le Cointe, 1945, Rodrigues, 1989).

Segundo (Le Cointe, 1947) e Lima *et al* (1995), as flores e os frutos desta espécie servem para isca na peixaria. A seiva é acre e cáustica. Na medicina popular as folhas são utilizadas em cataplasmas. A raiz em pó é empregada como diurético e drástica. Para (Amorozo & Gely, 1988) toda planta depois de macerada extrai-se uma "gosma" que pode ser usada contra picada de araias. Albuquerque (1980) apenas suspeita da aninga de ser uma planta tóxica, sua seiva contém produtos irritantes da pele; provocam alergias. Constantemente possui oxalato de cálcio.

A urtiga (*Fleurya aestuans L.*) foi considerada tóxi-

ca pelos moradores da comunidade por ocasionar coceiras quando expostas a planta. É uma erva suculenta, ereta, pouco ramificada, completamente coberta de pelos glandíferos, pungentes e irritantes, folhas alternas, ovaladas, drenadas, membranáceas; flores hermafroditas, em panículas, axilares e terminais, minúsculas esverdeadas; fruto aquênio, ovalado. É comum no Brasil. O que causa a toxicidade é o seu princípio ativo que é a histamina, acetilcolina e a serotonina, sais de potássio e ácido fólico. O contato com os pêlos do caule e folhas causa dor imediata devido ao efeito irritativo e com aparecimento de inflamação, vermelhidão cutânea, bolhas e coceira.

A caxinguba (*Ficus maxima* P. Miller) tem sua ação tóxica pelo contato com as folhas e leite dito pela população que causa irritação na pele, coceira, vermelhidão e até cegueira. Para (Silva *et al* 1977, Rodrigues 1989, Lima *et al*, 1995) é uma árvore de grande porte, ocorrente nas várzeas e com múltiplas aplicações. A amêndoa é tida como afrodisíaca e ativadoras da memória. É também conhecida por "caxindub" onde do seu tronco pode ser obtido um leite medicinal considerado energético vermífugo, porém, deve ser usado com muita cautela, pois é drástico e cáustico, possuindo um princípio ativo que seria um alcalóide denominado "caxinguvina". Esse leite é apropriado para tirar manchas. Todavia, Albuquerque (1980) considera esta planta como sendo suspeita de ser tóxica e cita que o seu látex é cáustico.

Esta espécie é usada na medicina popular como sendo anti-helmíntica e febrífuga. Fornece látex abundante, acre e drástico de uso perigoso. Outrora, quando se usava no cotidiano este medicamento popular, acreditava-se que a aguardente de cana era o antídoto para corrigir as doses excessivas e porventura venenosas (Correia, 1955, Berg 1982). A casca e o látex da caxinguba são utilizados como chá para combater verminoses (Amorozo & Gely, 1988).

A caxinguba apresenta ação medicinal e venenosa. Estes usos são característicos pela seiva caulinar cuja aparência é similar a um líquido leitoso. O princípio ativo é um alcalóide chamado "caxinguvina" considerado extremamente cáustico; todavia o seu uso na medicina caseira deve ser cuidadoso, pois em doses elevadas pode provocar distúrbios gástricos após ingestão, irrigações e manchas na pele quando em contato externo. Provavelmente a ação da caxinguvina como princípio venenoso deve estar associada a altas concentrações e dosagens do produto.

CONCLUSÕES

A arruda (*Ruta graveolens*) apesar de se ter sua ação comprovada por alguns autores para determinadas patologias é de extrema importância saber sobre seu risco em relação aos seus efeitos internos, que podem causar grandes complicações já citadas, para que no futuro não possa ser considerado um problema de saúde pública, sem esquecer também que as folhas e as sementes são usadas para combater as doenças. Além disso, a catinga de mulata (*Tanacetum vulgare*) é utilizada em outros tratamentos de diversas parasitoses e patologias que já foram cita-

das, sendo que seu uso pela população deve ser indispensável no combate das mesmas sem necessitar de um tratamento medicamentoso, pois sua ação é comprovada. Ainda convém lembrar que a goiabeira (*Psidium guajava*) é também importante para surtos de cólera já que os moradores utilizam água da ilha para o seu próprio consumo, e outras partes da planta são utilizadas para a prevenção e tratamento de algumas doenças. Já o elixir paregórico (*Piper calosum*) ele não é só utilizado para problemas no trato digestivo, mas também para problemas musculares através do preparo de implastros.

O açaí tem importante papel na alimentação da população da ilha, sendo importante não só no aspecto cultural, mas também econômico, pois a ilha é característica produtora e fornecedora do fruto. A banana tem importante valor nutricional, porém na ilha tem status de cultivada, sem grande importância econômica. O Cacau também tem papel importante na alimentação da população, põem sua relevância econômica é maior na ilha. O Cupuaçu tanto no aspecto cultural e econômico tem sua importância, pois são muitas as formas de consumo da fruta.

O assacu (*Hura creptans* L.) é uma planta causadora de irritações gástricas e sua administração exige muita precaução, devendo-se usar doses muito pequenas para evitar gastroenterites causado pela sua seiva caular rica em "creptina". A aninga (*Montrichardia vinifera* Schott.) é uma planta que causa irritação na pele acompanhada de manchas avermelhadas provocada pelo contato de qualquer parte do vegetal, sua ação tóxica se dá pela presença de "oxalato de cálcio". A Urtiga (*Fleurya aestuans* L. Gaud.) é considerada como tóxica por causar coceira sobre a pele quando entra em contato com as folhas do vegetal sua ação tóxica é devido ao ácido fórmico, acetilcolina, histamina e sais de potássio. A Caxinguba (*Ficus insipida* Willd.) é uma planta que causa irritação na pele com pruridos e descamações, sobre o globo ocular ocorre irritação podendo levar a cegueira sua ação tóxica se deve ao princípio ativo "caxingovina".

Diante dos fatores e das informações citadas acima é de extrema importância não só aos profissionais da área da saúde como também para população local, saber sobre as plantas que estão sendo utilizadas ou usadas como medicinais e alimentares, já que também é uma das bases da economia dessa população, assim como para o tratamento e prevenção de doenças. No entanto, é necessário ressaltar o alto grau de toxicidade presente em muitas espécies que podem gerar ou trazer alguma mal a saúde.

REFERÊNCIAS

1. Albuquerque, J.M. Plantas tóxicas; no jardim e no campo. Belém, FCAP, Serviço de documentação e informação, 1980. 120p. ilustr.
2. Altman, R.F.A. O leite do assacu ou "arvore do diabo" (*Hura creptans* L.) - Nota preliminar. Manaus, INPA, 1956. 10pg (INPA. Publicações avulsas, 1).
3. Amorozo, C.M.de & Gely, A. Uso de plantas medicinais por cablocos do baixo amazonas, Barcarena, Pa, Brasil. Boletim Museu Para Emilio Goeldi, serie botânica 4(1):47-131. 1988.
4. Anderson, A. B. & Ioris, E. Extraction and Forest management by rural inhabitants in the Amazon Estuary: A case of açai palm production. In: Anderson, Anthony Bennett (ed.). Alternatives to deforestation:

- on: steps toward sustainable of the Amazon rain Forest. New York, Columbia University Press. 1989. p.65-85.
5. Barlem, S.M.S.; Santana, M.do S.A. de; Nobre, G.J.L. & Chermont, K.de N.R. Contribuição ao conhecimento Fitoterápico da Comunidade de Itacoara, município de Benevides, Estado do Pará. (trabalho de conclusão de curso apresentado pelo Centro de Ensino Superior do Pará). Belém, 1995.
6. Berg, M.E. Van den. Plantas Medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático. S.I: CNPQ/PTU, 1982 p. 72,73,74.
7. Begossi, A. Etnobotânica em comunidades caiçaras. In: Fonseca et al (org.). Etnobotânica: Bases para conservação. I Workshop Brasileiro de Etnobotânica e Botânica Econômica. XLVII Congresso Nacional de Botânica. Nova Friburgo, 1998b.
8. Calzavara, B.B.G. As possibilidades do açaieiro no estuário amazônico. FCAP P Pará, Belém. 1972, 5,3-103.
9. Cavalcante, P.B. Frutas Comestíveis da Amazônia, 6ª edição- Belém: CNPq/ Museu Paraense Emilio Goeldi, 1996 (coleção Adolpho Ducke).
10. Chaves, I.M. & Pechnik, A. O açaí um dos alimentos básicos da Amazônia. T.F Amapá 7, 1945.
11. Corrêa, A.D. Plantas medicinais: do cultivo a terapêutica. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p.80-82,105-106.
12. Corrêa, M.P. Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e das Exóticas Cultivadas. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1926-1978.
13. Costa, D. Presença de vitamina A no açaí. Boletim Inst. Agric. do Pará. Belém, 9,53-65, 1953.
14. Cotton, C. M. Ethnobotany: Principles and applications. School of Life Sciences, Roehampton Institute London, UK, 1996.
15. Cuatrecasas, I. Cacao and its allies, a taxonomia revision, of genus Theobroma. Canter. United States, Nat, Herb, Washinton 35(6) 375-614 il 1964.
16. Jardim, M.A.G. Aspectos da biologia reprodutiva de uma população natural de açaieiro (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico. 1991. 90p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Florestais). Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Piracicaba, 1991.
17. Jardim, M.A.G. Aspectos da produção extrativista do açaieiro (*Euterpe oleracea* Mart.) no estuário amazônico. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, série Botânica, 12(1): 137-144. 1996.
18. Jardim, M.A.G. Morfologia e Ecologia do Açaieiro *Euterpe oleracea* Mart. e das Etnovarietades Espada e Branco em Ambiente de Várzea do Estuário Amazônico. 2000. 119p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.
19. Le Coite, P. O estado do Pará, a terra, a água e o ar; a fauna e a flora minerais. São Paulo, Rio de Janeiro (& C.) Companhia editora nacional, 1945. 205p
20. Le Coite, P. Árvore plantas úteis, 2ª edição São Paulo, Companhia Editora nacional, 1947. 506p.
21. Lima, R.M.S. & Santos, A.M.N. dos. Identificação de plantas venenosas em comunidades do Estuário Amazônico. 1994. 32 p. Monografia de Conclusão de Cursos em Farmácia-Bioquímica. Centro Universitário do Pará. Belém. 1994.
22. Lima, R.M.S.; Santos, A.M.N. dos & Jardim, M.A.G. Levantamento de plantas tóxicas em duas comunidades caboclas do estuário amazônico. Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, série Botânica, 11 (2):255-263. 1995.
23. Matos, A.D. & Pessoa Neto, J.A. Caracterização do uso de plantas em uma comunidade do estuário amazônico, Ilha da Boa Vista, Estado do Pará. Belém, 1993. 29p. Monografia de Conclusão de Curso em Farmácia-Bioquímica. Centro Universitário do Pará. Belém. 1993.
24. Ming, L.C. Levantamento de plantas medicinais na Reserva Extrativista "Chico Mendes" - Acre. Universidade Estadual Paulista, 1995. 180p. Tese de Doutorado. Botucatu, UNESP, 1995.
25. Ming, L.C. Coleta de plantas medicinais. In: Plantas medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar. Di Stasi, L.C. (Ed.). São Paulo, UNESP, 1996. p.69-86.
26. Oliveira, F. de. Fundamentos de Farmacobotânica. Rio de Janeiro. São Paulo, 1989. Livraria Atheneu Editora.
27. Penna, M. Dicionário de plantas medicinais. Rio de Janeiro; Oficinas gráficas, 1941 273 pg.
28. Possey, D. Etnobiologia: Teoria e Prática. In Ribeiro, B.G (Coord). Suma etnobotânica Brasileira - 1 Etnobiologia. Petrópolis: Vozes, Finep, 302p, 1986.
29. Rodrigues, R.M. A Flora da Amazônia. Belém-Pa: CEJUP, 1989. p. 99.
30. Roman, A.L. Cote. Plantas Medicinais da Restinga da Princesa, Ilha de Algodão, Município de Maracanã, Estado do Pará. Brasil. 104p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Ciências Agrárias do Pará, Belém, 2001.
31. Silva, M.F.; Lisboa P.L.B. & Lisboa, R.C.L. Nomes vulgares de plantas da amazônicas. Belém, INPA, 1977. 222p. il.

Endereço para correspondência
Mario Augusto Gonçalves Jardim
e-mail jardim@nautilus.com.br

Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil

QUADRO 1

Informações sobre as Plantas Medicinais utilizadas por moradores ribeirinhos da Ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará. As plantas medicinais estão apresentadas por ordem de frequência de citação. C-Cultivada, N- Nativa

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Preparo	Tratamento	Status
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folha	Chá	Dor de barriga, de ouvido, de cabeça e derrame	C
Catinga de mulata	Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. Ex Spreng.	Folha	Chá	Dor de barriga, asma, febre	C
Goiabeira	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Folha e Casca	Chá	Dor de barriga e diarreia	C
Elixir paregórico	Piperaceae	<i>Piper calosum</i> Ruiz et Pav.	Folha e Casca	Chá	Problemas no estômago e fígado	C
Hortelã grosso	Labiatae	<i>Coleus amboinicus</i> Lour.	Folha	Chá	Tosse	C
Erva cidreira	Verbenaceae	<i>Lippia Alba</i> (Mill.)N.E.Br.	Folha	Chá	Calmante	C
Marupazinho	Iridaceae	<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	Raiz, Folha, Fruto	Chá	Dor de estômago, cólicas, diarreia, Amebíase	C
Verônica	Leguminoseae	<i>Dalbergia monetária</i> L.	Casca	Chá, Banho	Anemia e corrimento	N
Açaizeiro	Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Raiz e semente	Chá	Dor de barriga, diarreia, infecção intestinal	N
Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Raiz	Chá, mastigação	Dor de garganta	C
Hortelã	Labiatae	<i>Mentha</i> sp.	Folha	Chá	Ferimento e inflamação da garganta	C
Boldo	Monimiaceae	<i>Peumus boldo</i> Mol.	Folha	Chá	Dor no fígado e estômago	C
Anador	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Bth.	Folha	Chá	Dor de cabeça, barriga e dores em geral	C
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp.	Folha	Chá, Inalação	Gripe e febre	C
Japana branca	Asteraceae	<i>Eupatorium ayapana</i> Vent.	Folha	Chá	Gripe, Asma	N
Pariri	Bignoniaceae	<i>Arrabidaea chica</i> (H & B) Verlot.	Folha	Chá	Dores e anemia	N
Corrente branca	Bignoniaceae	<i>Parkia glomerata</i> (Spr.) Pederson	Folha	Chá	Diarreia	N
Erva doce	Umbeliferae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Folha, Casca	Chá	Calmante	C
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Nees	Folha, Casca	Chá	Vômitos	C
Malvarisco	Piperaceae	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	Folha	Emplastro	Erisipela	N
Copaiba	Leguminoseae	<i>Copaifera martii</i> Hayne	Óleo	Fricção	Anti-inflamatório, feridas	C
Babosa	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burman	Folha	Chá	Cancer da próstata, uso capilar	C
Andiroba	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Óleo	Fricção	Baque, inchaço	N
Gravioleira	Annonaceae	<i>Anona muricata</i> L.	Folha	Chá	Diabete, colesterol, emagrecimento	C
Hortelãzinho	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Folha	Chá	Cólica infantil e gases	C
Cajú	Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> Hanc.	Casca	Chá	Gastrite	N
Laranjeira	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Casca	Chá	Problemas de estômago e azia	C
Jucá	Leguminoseae	<i>Caesalpinia férrea</i> Mart.	Semente	Infusão	Ferimentos	C
Capim marinho	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf	Folha	Chá	Pressão alta	C
Mastruz	Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folha	Sumo	Tosse	C
Limoeiro	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Folha	Chá	Febre	C
Laranja da terra	Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Folha	Banho	Gripe	C
Sacaca	Asteraceae	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Casca	Chá	Anemia, ferimentos, glicose, asseio vaginal e micoses	N

Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, Município de Belém, Estado do Pará, Brasil

QUADRO 2

Informações sobre as Plantas Alimentares utilizadas por moradores ribeirinhos da Ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará. As plantas medicinais estão apresentadas por ordem de frequência de citação. C-Cultivada, N- Nativa

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Usada	Forma de Consumo	Motivo do Consumo	Problemas na Saúde	Status
Açaí	Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Fruto	Suco	Alimentação	Não	N
Cacau	Sterculiaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.	Semente	Suco, chocolate e geléia	Economia	dores estomacais	N
Cupuaçu	Sterculiaceae	<i>Theobroma grandiflorum</i> L.	Polpa	Suco	Hábito	gastrite	N
Banana	Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Fruto	Suco	Hábito	Não	C
Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Fruto	Suco, Doce	Hábito	Não	C
Manga	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Fruto	Alimento	Hábito	Não	C
Pupunha	Arecaceae	<i>Bactris gasipaes</i> H.B.K.	Fruto	Alimento	Hábito	Não	C
Jambo	Myrtaceae	<i>Eugenia jambol</i> L.	Fruto	Alimento	Hábito	dores estomacais e vômitos	C
Acerola	Myrtaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Fruto	Suco	Hábito	Não	C
Mamão	Caryaceae	<i>Caryca papaya</i> L.	Fruto	Alimento	Hábito	Não	C
Caju	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Pseudofruto	Alimento	Hábito	Não	C
Quiabo	Malvaceae	<i>Hibiscus esculentus</i> L.	Fruto	Alimento	Hábito	Não	C
Couve	Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Folha	Na comida	Vitaminas	Não	C
Cariru	Portulacaceae	<i>Talinum patens</i> Willd.	Folha	Na comida	—————	Não	C
Coco	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> Mart.	Copra, água	In natura	Nutritiva e remédio	Não	C
Graviola	Annonaceae	<i>Anona muricata</i> L.	Fruto	Suco, Creme	Hábito	Não	C
Maxixe	Curcubitaceae	<i>Cucumis anguria</i> L.	Fruto	Na comida	Hábito	Não	C
Ajiru	Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanus icaco</i> L.	Fruto	Alimento	Hábito	Não	C
Chicória	Apiaceae	<i>Erygium foetidum</i> L.	Folha	Na comida	Tempero	Não	C

QUADRO 3

Informações sobre as Plantas Tóxicas utilizadas por moradores ribeirinhos da Ilha do Combu, município de Belém, Estado do Pará. As plantas medicinais estão apresentadas por ordem de frequência de citação. C-Cultivada, N- Nativa

Nome Popular	Família	Nome Científico	Parte Tóxica	Ação Tóxica	Prevenção	Status	Outros Usos
Assacu	Euphorbiaceae	<i>Hura creptans</i> L.	Toda Planta	Dérmica	Leite materno, água com sal, café amargo	N	Ferrada de peixe, cobra, aranha, escorpião
Aninga	Araceae	<i>Montrichardia vinifera</i> Schott.	Toda Planta	Dérmica	Água com sal, café amargo, leite	N	Ferrada de arraia, hemorragia
Ur tiga	Urticaceae	<i>Fleurya aestuans</i> L.	Folha	Dérmica	Antialérgico	C	Nenhum
Caxinguba	Moraceae	<i>Ficus maxima</i> P.Miller	Folha, Leite	Dérmica	Leite, café amargo	N	Verminoses
Tajá	Araceae	<i>Dieffenbachia picta</i> (Lodd) Schott	Leite, Folha	Dérmica	água com sal	C	Ornamentação
Coroa de Cristo	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia millii</i> Dés Moulins	Leite	Dérmica	Leite, água	C	Tirar verruga e câncer
Cipó de Fogo	Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poirier	Caule, Folha	Dérmica	Água	N	Nenhum
Babosa	Liliaceae	<i>Aloe vera</i> L.	Folha	Ingestão	Levar ao médico	C	Nenhum
Tiririca	Poaceae	<i>Paspalum</i> sp.	Folha	Dérmica	Quadriderme	N	Nenhum
Muretetea	Humiriaceae	<i>Saccoglottis guianensis</i> Benth.	Caule	Dérmica	—————	N	Nenhum
Unha de Gato	Rubiaceae	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. Ex Roem. & schult) DC.	Caule	Dérmica	Ingerir água	N	Nenhum